

# TOPONÍMIA TOCANTINENSE: RELATOS DOS MORADORES DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA SOBRE O TOPÔNIMO MORRO DO SÃO JOÃO

## TOCANTINENSE TOPONYMY: REPORTS OF THE RESIDENTS OF THE QUILOMBOLA REMAINING COMMUNITY ABOUT THE TOPÔNIMO MORRO DO SÃO JOÃO

Verônica Ramalho Nunes **1**  
Carla Bastiani **2**  
Rodrigo Vieira do Nascimento **3**

**Resumo:** A Toponímia é a disciplina que estuda os topônimos, ou seja, os nomes próprios de lugares, área relacionada a análise linguística, seu objeto de estudo, constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas, que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como ponto de discussão realizar um estudo toponímico da comunidade remanescente quilombola Morro do São João a partir dos relatos dos moradores da comunidade, discutiremos a motivação para nomeação do topônimo articulada à reflexões trazidas pelos estudos da memória oral. Como percurso metodológico, seguiremos o plano onomasiológico de investigação: por meio de um conceito genérico, identificam-se as variáveis possíveis das fontes consultadas. Neste estudo, propõe-se uma inter-relação entre os conhecimentos, articulando-os e interagindo as informações que circulam pelas diferentes áreas do saber. Nesse sentido, entende-se que o saber toponímico articula saberes linguísticos, geográficos, históricos, biológicos, antropológicos.

**Palavras-chave:** Toponímia. Morro do São João. Memória Oral.

**Abstract:** The Toponymy is the discipline that studies toponyms, that is, the proper names of places, an area related to linguistic analysis, its object of knowledge, constitutes a possible path to the *modus vivendi* of linguistic communities, which occupy or occupied a certain space. In this perspective, the present work has as a discussion point to carry out a toponymic study of the remaining quilombola community Morro de São João, based on the reports of the community's residents, we will discuss the motivation for naming the toponym articulated with reflections brought by studies of oral memory. As a methodological approach, we will follow the onomasiological investigation plan: through a generic concept, the possible variables of the consulted sources are identified. In this study, an interrelationship between knowledge is proposed, articulating them and interacting with the information that circulates in different areas of knowledge. In this sense, it is understood that the toponymic saber articulates linguistic, geographic, historical, biological and anthropological knowledge.

**Keywords:** Toponymy. Morro do São João. Oral Memory.

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Docente no IFTO.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5181055305049420>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5472-1215>.  
E-mail: [vevethin@gmail.com](mailto:vevethin@gmail.com)

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).  
Professora do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), campus Gurupi.  
E-mail: [carlabastiani@gmail.com](mailto:carlabastiani@gmail.com)

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-164X>.  
E-mail: [rodrigo.vn@unitins.br](mailto:rodrigo.vn@unitins.br)

## Introdução

A nomeação de lugares e pessoas é uma prática realizada desde os primórdios da humanidade. Esse processo de nomeação possibilita a individualidade e, por conseguinte, a identificação única dos lugares e das pessoas. De acordo com suas características culturais, os povos designam no ato de nomear uma espécie legítima de registro, obtendo-se especificidades singulares da identificação dos lugares e das pessoas, o que possibilita maior relação de convivência no contexto social em que estão inseridos.

Os nomes são formas de representação dos lugares, e a nomeação realiza-se em constante transformação e de maneira dinâmica. Geralmente, é determinada por aspectos econômicos, religiosos, políticos, sociais, culturais, entre outros. Tais fatores determinantes fazem com que os nomes evoluam, passem por transformações e/ou se corrompam.

Dessa forma, esta proposta de estudo tem como objetivo conhecer o topônimo da comunidade remanescente quilombola Morro do São João a partir dos relatos orais dos moradores da comunidade. Os moradores neste estudo são categorizados como sujeitos do dizer, e as vozes destes sujeitos são determinantes pelo que revelam acerca das motivações que levaram a escolha do nome da comunidade, contrapondo com os fatos históricos e culturais que determinaram esse processo de nomeação.

Nos embasamos nos conceitos de memória oral, pois o processo de nomeação está atrelado a uma viagem no tempo e no espaço e pautando-se ao conhecimento das gerações que ficaram eternizados e cristalizados e, preservando do esquecimento o momento em que as coisas passaram a ser conhecidas por determinado nome, obtendo assim a sua existência. Tendo em vista que a partir da nomeação é evidenciado um “nascimento”, ou seja uma identificação, e isso é singular, ao passo que por meio da palavra que esse fato é consolidado, e assim, o que não-era passa a ser.

Nesse sentido, o indivíduo é caracterizado pela necessidade de consolidar suas impressões nos ambientes habitados por eles, cujo objetivo é eternizá-las ao longo da história. A Toponímia estabelece a consolidação dessas impressões deixadas pelos indivíduos, sendo que a denominação dos nomes de lugares reflete sentimentos vividos pelas comunidades. Os estudos toponímicos revelam-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois permitem a identificação de fatos linguísticos, de ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, a sua permanência/aceitação ou não em uma comunidade.

Nesse sentido, Dick (1998, p. 97) ressalta que os nomes são “como recortes de uma realidade vivenciada”, seja consciente ou não, pelo denominador isolado ou pelo próprio grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou *ethos* grupal. Além disso, a língua tem o papel de representar as práticas empregadas pelo homem, de modo que explicita as atitudes, conhecimentos, crenças, valores de determinado grupo de falantes. Essas práticas são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos batizam os ambientes ao seu redor, revelando sua cosmovisão e o *modus vivendi* de seu grupo.

O estudo toponomástico é de natureza interdisciplinar, por apresentar relações intrínsecas com outras áreas do conhecimento. Andrade (2011, p. 162) afirma que pode-se pensar a relação da Toponímia a partir de uma visão interdisciplinar, estabelecendo o sentido de unidade diante dos diversos saberes. Isto quer dizer possibilitar ao sujeito re/encontrar a identidade, história, etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos, tendo em vista o plano onomasiológico no ato de dar nomes aos lugares.

A metodologia empregada neste estudo baseia-se no plano onomasiológico de investigação, tendo como parâmetros os fundamentos teórico-metodológicos propostos por Dick (1990). Para tanto, foi utilizado o método indutivo de modo que, ao longo das descrições onomásticas, as hipóteses de trabalho foram construídas, assim, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Para realização deste estudo, optou-se pela utilização como base teórico-metodológica em toponímia os estudos de Dick (2004, 1999, 1990), Andrade (2010), Carvalhinhos (2007).

Os dados para este trabalho foram obtidos durante visita à comunidade, por meio de

escuta dos relatos dos moradores da região. As escutas foram realizadas a partir da problematização do estudo, sendo este, o topônimo da comunidade remanescente quilombola Morro do São João. As questões salientadas durante os relatos permeavam a origem do topônimo da comunidade, levando em conta o que motivou a escolha do nome e as influências histórico-culturais acerca para o processo de nomeação. Dessa forma, os dados obtidos por meio destes relatos serviram de subsídio para realização deste trabalho, compondo assim o *corpus* de análise.

### Toponímia e memória oral

Toponímia é uma disciplina que se dedica ao estudo dos nomes dos lugares (municípios, cidades, vilas, estados) que é norteadada pela função onomástica, dessa forma, pode ser vista como uma disciplina interdisciplinar que, utilizando-se dos fundamentos de outras teorias, legitima a significação e a categorização atribuídas aos topônimos. Nesse sentido, Andrade (2010, p. 105) explicita que, “não se pode pensar a toponímia desvinculada de outras ciências, deve ser pensada como um complexo linguístico-cultural: um fato do sistema das línguas humanas”. Os estudos toponímicos são de fato amplos e estão inseridos nos contextos tanto linguísticos como socioculturais.

Dessa forma, os topônimos são estruturados e distribuídos em diferentes estratos naturais, de modo que no ambiente em que estão figurados são apresentadas as influências positivas e negativas da convivência cultural do homem. Pois a cultura é determinante para o processo denominativo. Além disso, com a utilização referencial da linguagem nos estudos onomásticos é possível estabelecer traços recorrentes empregados pelos falantes, como elementos implicados a determinada localidade, lugar, cursos d’água, relevo. Ou seja, os topônimos são capazes de reproduzir, mesmo que parcialmente, as condições do lugar, o que é comum, por exemplo, nos cursos d’água, que não é requisito conhecer por completo a corrente para estabelecer sua nomeação, justamente pelo fato da sua extensão.

Os estudos acerca da toponímia brasileira consideram a natureza linguística dos nomes, os quais constituem a nomenclatura geográfica do Brasil, advindos das camadas linguísticas diversas, como a portuguesa ou podemos dizer que a brasileira propriamente dita; a indígena, no qual distribui-se em suas diversas famílias; a africana e a análise dos fatos linguísticos. Além disso, podemos destacar também o estudo da natureza semântica ou da motivação dos topônimos implicados na formação onomástica brasileira.

Nesse sentido, como afirma Sapir (1969) “há uma forte tendência em atribuir muitos elementos da cultura humana à influência do ambiente em que se acham situados os participantes dessa cultura”. Em virtude disso, os topônimos e sua dimensão cultural adquirem uma pluralidade com simbolismos e identidades corresponsáveis pelas expressões dos valores individuais dentro de cada época, onde cada lugar fora sendo nomeado e ao mesmo tempo proporcionando um sentimento de pertencimento e domínio territorial.

Atrelado a isso, é importante considerar que o passado narrado traz consigo opiniões, lembranças, pois partem de uma perspectiva acerca do vivido, a partir dela o memorialista se sobressai. Além do mais, a arte de narrar está atrelada a ao olhar, a coordenação da alma, a voz, pode ser concebida como a performance materializada por meio da palavra em que o indivíduo se revela. Nesse sentido, Ramos Junior e Silva (2012, p. 28) reitera que:

Memória é trabalho e não registro passivo capaz de remeter à reconstrução de um passado inequívoco. Pressupõe engajamento do sujeito, ao mesmo tempo em que remete à noção de negociação, seja com relação a uma memória produzida coletivamente – como a que resulta no mito –, seja com relação ao que se quer recortar do vivido. Nesse esforço, presente e passado se imbricam, uma vez que o que dá sentido à memória, recortando o que vai ser lido como fundamental ou acessório, o que vai ser esquecido e silenciado ou ganhará destaque e evidência vai ser sempre o resultado das escolhas (in)conscientes do sujeito, de seu movimento em relação ao

passado e suas traduções na linguagem.

A partir desta concepção, podemos inferir a importância da oralidade para os estudos toponímicos, como reitera Dick (1990), pois os designativos com nomes de lugares, carregam em sua origem aspectos ligados à vida do homem. E, assim, esses aspectos só podem ser identificados ou visualizados a partir da oralidade, da busca pela memória daqueles que representam a denominação do topônimo.

A memória oral ergue-se contra o isolamento humano quando habita o campo composto por narrador e ouvinte, o passado de um homem perpassa o regime de inteligibilidade de outros indivíduos, aproxima-se assim do passado. O ato de nomear torna-se imprescindível, pois os indivíduos deixam suas marcas, sua herança cultural e histórica. A partir dos olhares dinâmicos em que se apresentam os estudos toponímicos. Além de revelar-se como uma área interdisciplinar ao manter relações intrínsecas com a História, Antropologia, Geografia, Psicologia, conforme explicitados ao longo do texto. Fica evidente a relação desses estudos com a Toponímia, visto que o ato de nomear possibilita maior interação do indivíduo com o meio em que habita.

Dessa forma, o processo de nomeação e suas influências consiste em topônimos de múltiplas origens e a composição toponímica, formada por uma miscelânea de topônimos. Assim, consideramos que a Toponímia de fato é estabelecida como um aspecto amplo e não simplesmente um elemento adicional a outras pesquisas, ao passo que faz uso de um vasto repositório de incidências culturais, ressaltando não somente um recorte de um único universo, mas de muitos outros, os quais contribuem tanto para sua especialização quanto para a sua formalização.

Ademais, consideramos que a toponímia brasileira agrega aspectos históricos, antropoculturais, sociais, físicos, compostos de significados que se complementam a partir da motivação durante o ato denominativo. Esses aspectos são decisivos para que os falantes escolham um determinado nome, a partir de múltiplas possibilidades sêmicas, sendo decisivas para nomear determinado lugar. Para tanto, é importante compreender os nomes de lugares a partir de diferentes vertentes, olhares e áreas de atuação, pois por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente transformam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores religiosos, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Carvalhinhos (2003) reitera que os topônimos são vocábulos e entram no discurso toponímico pelo que se pode conceituar como vicissitudes enunciativas, as necessidades básicas que ocorrem no momento da enunciação. Para Isquierdo (2012, p. 118)

Todos os sistemas toponímicos documentam não só traços linguísticos, como também deixam sobressair imbricações entre o nome e a identidade histórico-cultural do grupo a que pertence o denominador, enfim, de diferentes sistemas etnolinguísticos historicamente situados no tempo e no espaço.

Os estudos toponímicos possibilitam aos grupos humanos a recuperação de dados de sua história e trajetória, também levam em consideração aspectos relativos ao ambiente, cultura e o meio social acerca do espaço geográfico específico influenciando o denominador ao batizar os nomes. Os lugares são a base para que as pessoas se estabeleçam como cidadãos, sendo assim, os nomes de lugares acompanham esse sentimento de pertencimento, por estarem diretamente relacionados com o modo de vida das comunidades, além de representarem toda simbologia histórico-cultural destes lugares e das pessoas.

## **Breve histórico da comunidade remanescente quilombola Morro do São João**

Antes de iniciarmos a análise, será relatada a história da comunidade, para melhor

entendimento dos fatos que serão descritos a partir da fala dos moradores da comunidade. O registro histórico-cultural acerca do topônimo Morro do São João é composto pelos fatos que formam a história da comunidade, sendo que o nome é uma homenagem ao padroeiro e foi escolhido pelo fundador da comunidade por volta do século XIX, um padre conhecido como Bernadinho de Sena Ferreira, que trabalhava na diocese de Goiás Velho<sup>1</sup>, especificamente na comarca de Natividade, e era dono de todas as terras que pertenciam a essa comarca. Além de ser padre, Bernadinho de Sena Ferreira era também dono de escravos. Ainda morando em Goiás Velho, o padre comprou, na Bahia, uma escrava de nome Pelônia. Essa escrava trabalhou com ele exercendo a função de camareira. Naquela época, Polônia era adjetivada pelas pessoas de “negra do corpo escultural”. O padre Bernadinho de Sena Ferreira teve um filho com essa escrava, conforme relato dos moradores da comunidade.

Tendo em vista que exercia o ofício de sacerdote na Comarca, o padre Bernadinho não pôde ficar com a criança, mas reconheceu a paternidade e deu a ela uma parte de suas terras. Vitor Ferreira de Sena foi o nome dado a criança, uma vez que Ferreira de Sena era o sobrenome do padre. A escrava Pelônia e seu filho foram morar na Fazenda Roma. Essa propriedade, localizada na antiga região da Comarca de Natividade, próxima ao rio Tocantins e Manoel Alves foi dada pelo padre ao seu filho. Embora Vitor vivesse apenas com sua mãe, sem a presença do pai, este buscava assegurar àqueles todas as condições para a sua plena sobrevivência.

Preocupado com a educação de Vitor, o padre providenciou professores para alfabetizá-lo. O trabalho de alfabetização se deu em sua própria casa, na fazenda Roma, primeiro nome do local que atualmente é conhecido por Morro do São João. Quando Vitor estava com 16 anos, ele se tornou senhor e dono de centenas de escravos. As senzalas<sup>2</sup> eram localizadas ao redor da casa grande<sup>3</sup>. Vitor não era considerado um senhor que maltratava os escravos, todavia a estreita convivência com eles era terminantemente proibida pelo padre. Casou-se com Margarida Pereira de Barros, uma moça branca, filha de Martins Torres, grande proprietário de terras na região. Teve doze filhos com sua esposa, além de dois outros oriundos de relações extraconjugais.

Segundo o relato dos moradores da comunidade, no ano de 1995, a comunidade recebeu o título de remanescente de quilombola. A busca por tal reconhecimento partiu de uma professora que, na época, trabalhava na escola da comunidade e se interessou pelas origens históricas e culturais do local. Desse modo, após encaminhar uma solicitação de reconhecimento, a comunidade recebeu a visita de pesquisadores da Secretária da Cidadania e Justiça do Estado, que coletaram dados e os encaminharam à Fundação Cultural Palmares. Após a análise dos dados, essa fundação reconheceu a comunidade como sendo remanescente de quilombola. Após o reconhecimento, foi realizado um trabalho, sobretudo na escola local, entre as crianças e os jovens, de conscientização quanto às tradições históricas, religiosas e culturais da comunidade.

Segundo o relato da professora que acompanhou e que foi parte integrante do processo de reconhecimento, diz que houve dificuldades para que se efetivasse. Para ela, reconhecer-se como remanescente é se autoafirmar como negro, e com pesquisas feitas na comunidade sobre a cor dos moradores, muitos negavam a tal identificação, definindo-se como, moreno, pardo. Essa negação se dava principalmente por parte dos jovens, evidenciando o preconceito sobre a cor da pele ou o grupo de origem.

O título de remanescente de quilombola suscitou, entre os mais velhos, um sentimento

1 Goiás Velho foi designado por muito tempo como a capital administrativa do estado do Goiás, devido a escassez do ouro sua população reduziu em significativo número, este foi um dos fatores que culminou para a transferência da capital passar a ser Goiânia. Atualmente Goiás Velho passou a se chamar Goiás, sendo um município brasileiro do estado de Goiás. Segundo dados do IBGE, em 2005 a população constava com 26.705 habitantes. Em 2001 a UNESCO reconheceu a cidade como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial por sua arquitetura barroca peculiar, por suas tradições culturais seculares e pela natureza exuberante do local. Dados disponíveis no site [www.goiasvelho.net](http://www.goiasvelho.net). Acesso em: 25 de jul de 2019.

2 Senzala s.f. 1. Habitação de escravos negros; 2. Povoação de escravos negros. Em, [www.priberam.pt/dlpo/Default](http://www.priberam.pt/dlpo/Default). Acessado em 25 de jul de 2019.

3 Casa Grande s. f. 1. [Brasil] Cada uma das casas senhoriais construídas no Brasil pelos colonizadores portugueses; 2. [Brasil] casa residencial de um engenho de açúcar ou de uma fazenda. Plural; casas-grandes. Dados disponíveis em [www.priberam.pt/dlpo/Default](http://www.priberam.pt/dlpo/Default). Acessado em 25 de jul de 2019.

de autoafirmação com relação a sua identidade, fato perceptível na fala da professora, quando faz o relato de que as pessoas mais velhas tinham maior vontade do reconhecimento da origem, embora este ainda não tivesse acontecido por falta de oportunidade.

Percebe-se que a partir da iniciativa da professora de buscar o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombola possibilitou a participação dos moradores na reconstituição da biografia da comunidade através de vários relatos da história, e como resultado fez com que os habitantes da comunidade tivessem maior consciência da importância do conhecimento e de exaltar sua identidade histórica.

**Figura 1.** Foto Comunidade remanescente quilombola Morro do São João.



Fonte: Dos autores (2011).

### **Motivação toponímica do topônimo Morro de São João a partir dos relatos dos moradores da comunidade**

Foram selecionados três relatos para realização da análise como critérios de motivação do topônimo Morro do São João no trabalho, de modo que a escolha se deu pela disposição dos participantes em contribuir com a pesquisa, no trabalho os participantes serão identificados como “participantes” (P1, P2 e P3) para preservar a identidade destes, além disso, durante os relatos foram preservadas as falas dos participantes na íntegra, ou seja, a transcrição literal de suas falas. Desse modo, trata-se dos relatos dos moradores P1, de 62 anos, P2, de 39 anos e P2, de 72 anos. As perguntas que nortearam os relatos dos moradores foi de como se deu a escolha do nome da comunidade, e os moradores responderam da seguinte maneira:

*“Essa história ai é muito pra trás, mas eu sei contar, foi o primeiro dono daqui que foi o vei Vitor, Vitor de Sena Ferreira que é meu avô, esse vei Vitor era filho do padre Bernadinho, era o seguinte tinha uma escrava né, naquele tempo, então daí ele deu um pulo na escrava né, e teve esse filho que era o Vitor, então ai essa fazenda aqui era do padre Bernadinho, como ele teve esse filho, ai ele mudou daqui e como ele tinha fazenda no município de Santa Rosa, Silvanópolis, isso tudo era dele, ai ele adoo essa fazenda pra esse filho que era o meu avô, aqui sempre teve esse nome, bem ali oh, tem um morro grande que dá pra vê das casa aqui, ai é por isso que tem morro no nome” (P1).*

*“Ai eli colocou São João por eli ser devotu de São João. Então essa festa né... dos festejos que tem aqui foi começada por ele. Era uma festa muito grande, segundo o senhô Valetim era uma festa muito grande, muito grande, aonde ele matava é... muitos réis, muitas, muitos gados para dá cumida toda a comunidade e todos os fazendeiros, né... todos os fazendeiro*

*da região. E essa festa também era assim... religiosa porque elis buscava os padri prá celebrá a missa, né? O padri vinha de Portu Nacioanl trazida pelus negru na redi, né? ai quandu chegava na comunidadi, né? quandu chegava na comunidadi tava todú o movimentu da festa, né? Ai então todos os negru batia num... num... num instrumentu que dava um som. Então toda a comunidade parava porque o padri tava cheganu na comunidadi. Ai quandu chegava, quandu chegava na igreja tocava também essi instrumentu, que era depois foi um sino, mais antes era um instrumentu de ferru, né? Então quandu tocava aquele instrumentu na igreja, sabia qui o padri tinha chegado na comunidade. Ai qui ia começá a festa. Ia começá a distribui as cumidas, né? os bolus, e depois da festa dançante, né? qui elis mesmu fazia os instrumentu, elis mesmu fabricavam e fazia as festa dançante mais tardi, né?” (P2)*

*“As historia que conta de que o nome foi porque quem criou a a comunidade o vei Vitor, que era dono de tudo aqui né e também parente da maioria daqui, e ali perto era a casa dele só que ela já foi reformada, essa casa lá era uma igreja, e criaram um oratório de madeira, e tudo era feita nessa igreja nesse tempo, celebrava missa, fazia casamento, tudo era nessa casa. Ai colocou morro do são João, ali tem um morro né que é tipo uma marca daqui... e todo mundo aqui é devoto de são João porque é tradição, o vei vitor era devoto de são João, ai ele colocou aqui morro do são João, que é até hoje esse nome, e vem daí o nome daqui da comunidade, tudo começou com o vei Vitor mesmo” (P3).*

Os relatos escolhidos para análise assemelham-se, tendo em vista que, de acordo com o que os moradores, o nome da comunidade foi determinado pelo dono (tido como “fundador”, na perspectiva de que caberia a um sujeito, autoridade política ou econômica, a ação de fundar), Vitor de Sena Ferreira, na época em que ainda era uma fazenda. Assim, os relatos convergem e transitam por um percurso a partir do sujeito do fazer (Vitor) em relação à terra (lugar) em que está localizada a comunidade. Esta sinaliza, desse modo, para o que se constituiria como símbolo de poder. Através de sua influência, Vitor comparece nas narrativas como um sujeito destinador, determinando para comunidade a sua nomeação, bem como os rituais (festas de comemoração) existentes até hoje na localidade (festejos para o santo de que todos os moradores são devotos). É o caso da festa mais antiga que ali ocorre, a festa do padroeiro São João.

Tais aspectos nos possibilita explicitar que a toponímia brasileira é constante, ou seja, os topônimos se repetem no tempo e espaço, além de ser heterogênea e fundamentada na formação étnica de seu povo. Quanto à formação linguística, esta faz inferência ao passado e aos residentes do lugar, de modo que essa diversidade não modifica seu sentido.

Ademais, de acordo com os relatos, a festa teria sido iniciada pelo fato de Vitor de Sena ser então devoto de São João. Desse modo, parte do que acontece na comunidade em relação às tradições culturais e religiosas encontraria aí um momento fundante, identificando-se um ator social que responde por elas, perpetuando-o na memória como o que definiria um caráter cultural para aquele grupo.

Em virtude do seu poder e posição privilegiada, identificada através dos relatos dos moradores da comunidade, Vitor ocupa o papel importante de destinador e, por conseguinte, os moradores ocupam o papel de destinatários, por não se encontrarem nas narrativas como evidenciando uma participação na história em relação a escolha de nomeação do topônimo e ou em qualquer outro aspecto em relação a comunidade. Pode-se dizer que o papel dinâmico de destinador conferido a Vitor, bem como o papel passivo conferido aos membros da comunidade, reproduz uma ordem social, uma hierarquia que define lugares para os sujeitos das narrativas sobre o passado da comunidade Morro do São João, conforme evidenciamos nos

relatos.

Há uma espécie de esquecimento por parte dos moradores sobre outros aspectos que envolveriam sua origem, o que acabou influenciando também na questão do reconhecimento, identidade e autoafirmação dos moradores. Desse modo, após o reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola, foi necessária a realização de um trabalho, sobretudo na escola, mobilizando crianças e jovens, no sentido de lhes dar um outro viés sobre o passado, no que diz respeito a tradições históricas, religiosas e culturais, como relata a moradora da comunidade:

*Aceitaram ser remanescente de quilombos, serem negrus, né? Qui muitos hoji lá nós fizemus até uma pesquisa lá dentru da comunidadí, perguntavam as pessoa assim: qual era sua raça, qual era sua cor? Dizia parda, né? É minha cor é parda, então eu sou moreno, né? Então foi difícil, principalmente, nos jovem elis aceitaram ser negrus. Foi muito difícil trabalhá isso, foi muito difícil eles aceitarem, até porque elis tinha o preconceitu de serem negrus, nós fizemus uma época uma peça teatral, né, que no qual essa peça, nós colocava assim, nós temos orgulho de ser negru, né? Ai então cum essa peça, assim qui nós apresentamus escolar cum os alunos, os alunos tiveram a curiosidade, entendeu? di descobri mais assim a origem... então agora elis aceitam ser remanes/ descendentí de negru, mas antes não aceitavam, elis tinha o preconceitu. Até porque se você perguntassi prá eli qual era a raça deli, não dizia que era negru, dizia qui era de outra raça, meu pai era branqu, meu pai era isso, né? Então elis não aceitavam, no fundo, no fundu, você via, sentia, o preconceitu qui estava dentru delis. (P2).*

O título de remanescente de quilombola conferido àquele grupo proporcionou principalmente entre os mais velhos, um sentimento de autoafirmação da identidade e uma ação no sentido de valorização do que era até então negligenciado nos discursos. É o que percebemos na fala seguinte:

*“(...) elis (os mais velhos) tinha mais vontadi di, di aparecê como as raízes, elis tinha vontadi, mas num tinha assim uma oportunidadi delis aparecerem. Então com o reconhecimento nós fazíamos reunião e mostrava os nossos valores, as nossas cultura, né, é os nossos direitu que nós temos e qui nós, qui nós tínhamos assim qui lutá para conseguí, elis sentiram assim, elis sentiram exaltadu, né?” (P2).*

Ainda de acordo com a narrativa, vivenciando as práticas culturais e religiosas, os moradores de Morro de São João procuram no dia a dia fortalecer suas raízes e origens, ainda que não se reconheçam no papel de destinadores, mantendo-se nos relatos que lhes dizem respeito como destinatários. Nesses dizeres, os habitantes da comunidade seguem uma dada orientação a despeito do que acreditam (“não ser negro, ter que afirmar a identidade de negro por razões políticas de autoafirmação”), apesar de não se perceberem como os que fazem a história do lugar (quem faz é um, a autoridade, o dono de escravos, o dono da fazenda, o padre).

Ademais, consideramos que a toponímia brasileira agrega aspectos históricos, antropoculturais, sociais, físicos, compostos de significados que se complementam a partir da motivação durante o ato denominativo. Esses aspectos são decisivos para que os falantes escolham um determinado nome, a partir de múltiplas possibilidades sêmicas, sendo decisivas para nomear determinado lugar. Para tanto, é importante compreender os nomes de lugares a partir de diferentes vertentes, olhares e áreas de atuação, pois por se organizarem de maneira dinâmica, constantemente transformam-se no tempo e no espaço, sobrepondo-se valores religiosos, sociais, culturais, econômicos e políticos.

À vista disso, Dick (1990b, p.137) explicita que:

*“os estudos de toponímia africana no Brasil envolvem, pela sua peculiaridade, um conhecimento genérico da problemática do negro no país”, comprovada pelos seguintes dados: Elemento alógeno, o africano que aqui se fixou, desde a segunda metade do século XVI, criou raízes no território e se tornou responsável pela constituição de um stock mestiço (mulatos e pardos) dos mais representativos no conjunto da população brasileira, se levarmos em conta as estatísticas elaboradas. Comparando-se, por exemplo, os dados do recenseamento de 1930 com os de 1980, verifica-se que os cinco milhões e seiscentos mil negros subiram para sete milhões, enquanto os oito milhões e oitocentos mil mulatos diluem-se entre os pardos, alcançando o índice total de 45 milhões de indivíduos (cerca de 37% da população geral do país).*

Dessa forma, para melhor analisar as contribuições do negro na toponímia brasileira faz-se necessário considerar elementos como a avaliação linguística dos designativos, a sua ocorrência, os aspectos étnicos imigrados, além também da categorização das línguas e sua semântica. Ademais, no Brasil, há de se considerar também que dentre os grupos africanos apresentados, se destacaram em razão do seu conjunto étnico, os sudaneses e os bantos, de modo que existem cerca de 350 nomes da família africana subsistentes no português brasileiro, destes cento e sessenta são vocábulos *quimbundos*, sessenta são oriundos dos grupos *nagôs* ou *iorubá* e os demais fazem parte de outras raízes linguísticas. Todavia, somente alguns destes nomes foram utilizados como denominação geográfica.

### Considerações Finais

Os relatos dos moradores da comunidade remanescente quilombola Morro do São João foram fundamentais para realização deste trabalho, e foi possível absorver uma grande quantidade de registros referentes às características culturais, religiosas, políticas, geográficas e econômicas desta comunidade. Durante a visita e também na composição do trabalho foi possível conhecer um pouco mais da comunidade, como os fatores históricos, culturais, como também os aspectos que motivaram o nome da comunidade, servindo assim aos estudos toponímicos.

A preocupação que gerou a realização do trabalho se centra em estudos toponímicos norteados pela função onomástica através de dados geográficos, históricos, culturais, sociais, etimológicos, semânticos, linguísticos, bem como a partir dos preceitos da memória oral. O trabalho foi enriquecido, sobretudo, pela realização de uma abordagem de natureza interdisciplinar que pode favorecer a compreensão dos processos denominativos do topônimo analisado.

Através deste trabalho, apresentamos alguns elementos sobre a comunidade remanescente quilombola Morro do São João e decorrentes aspectos ideológicos que orientam o modo como se narra o passado, como se interpreta o presente, como os sujeitos dão sentido à história e significam a si mesmos.

Desse modo, o ato de nomear torna-se imprescindível, pois os indivíduos deixam suas marcas, sua herança cultural e histórica. A partir dos olhares dinâmicos em que se apresentam os estudos toponímicos. Além de revelar-se como uma área interdisciplinar ao manter relações intrínsecas com a História, Antropologia, Geografia, Psicologia, conforme explicitados ao longo do texto. Fica evidente a relação desses estudos com a Toponímia, visto que o ato de nomear possibilita maior interação do indivíduo com o meio em que habita.

### Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins: Atito**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

CARVALHINHOS, P. J. **Princípios teóricos de Onomástica**. Toponímia e Antroponímia. O nome próprio. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, Rio de Janeiro, 2007.Vol. XI, p. 108-121.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DICK, M. V. P. A. **Os nomes como marcadores ideológicos**. São Paulo, Revista Internacional de Semiótica e Lingüística, V.7, 1998, p. 97-122.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

ISQUERDO, Aparecida Negri (2012). **Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Orgs.). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Vol. VI. Campo grande: Editora da UFMS, p. 115-139.

SILVA, L. H. O.; RAMOS JÚNIOR, D. V. **Os sentidos da escola e da escolha da profissão docente em relatos autobiográficos de professores em formação: diálogos interdisciplinares entre história oral e semiótica**. *EntreLetras*, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 122-140, ago./dez. 2012.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.